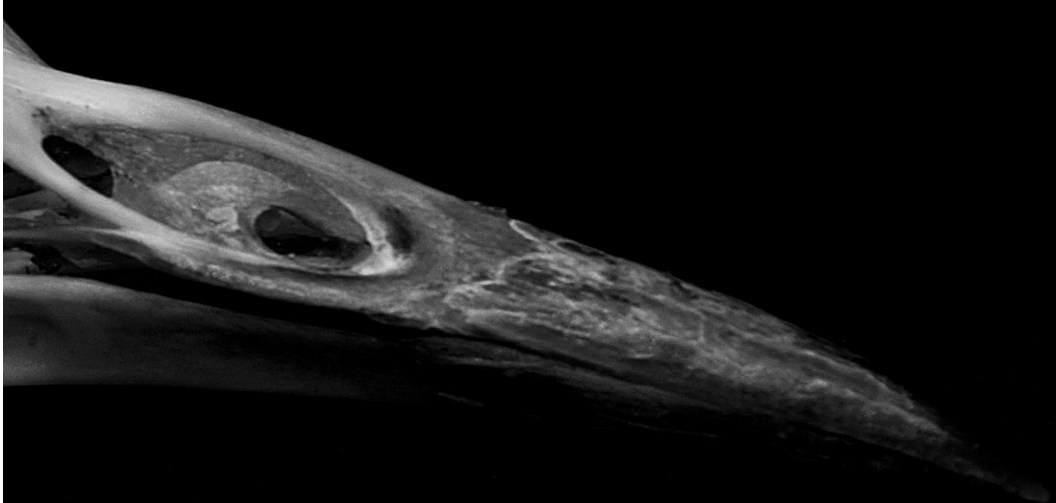
TIAGO TOY

FANTASMAS

OS MORTOS SÓ QUEREM PAZ

TIAGO TOY

FANTASMAS



FARO EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **TUCA FARIA E DANIEL WELLER**

Revisão **CÉLIA REGINA, GABRIELA DE AVILA E THAÍS ENTRIEL**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Ilustrações de capa **BEBETO DAROZ**

Imagens internas **SEBASTIAN_PHOTOGRAPHY, ANNA ACKERMAN, MIKELEDRAY | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Toy, Tiago
Fantasmas / Tiago Toy. — São Paulo : Faro Editorial, 2021.
272 p.

ISBN 978-65-5957-025-6

1. Ficção brasileira I. Título

21-2365 CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira

FARO EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2021
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

Terça-feira, 22 de novembro de 1988

A ansiedade com que Sancho entornou outra golada de cachaça significava bem mais que o simples desejo de aquecer as entranhas. Os últimos seis dias haviam exaurido a pouca paz que ainda restava em seu espírito, e secar garrafa após garrafa era a sua forma de se distanciar da realidade.

Quando seus olhos encontraram o fundo seco do litro de aguardente, ele seguiu até um canto da guarita e colocou a garrafa junto a outras vazias sobre um aparador de madeira. Não conseguiu contá-las. Poderiam ser duas ou quatro, ou talvez simplesmente o olhar de um bêbado as estivesse duplicando.

Prestes a se desequilibrar com o próprio peso, a barriga dura e redonda escapando sob a camisa velha, Sancho se apoiou no aparador. O movimento repentino moveu as garrafas, e uma delas se espatifou no chão. Erri soltou um ganido.

— Desculpe, amigo. — A língua embolada de Sancho tinha a textura de meia velha no fundo da garganta. Ele também estava assustado. Tudo o que queria era ser embalado pelo abraço de um sono profundo e sem sonhos e acordar apenas quando o sol já estivesse a pino, mas parecia que o sangue e o álcool haviam firmado um pacto. Não importava quanto bebesse: atravessaria mais uma noite sem pregar os olhos.

Lá fora, a garoa o envolvia em uma redoma de solidão.

Tirou a última garrafa da geladeira e depois foi até a televisão ao lado da janela. Deu um trago na cachaça e encarou o televisor enquanto o corpo roliço oscilava. Havia um estranho sabor sob o álcool, mas Sancho não deu importância. Estava acostumado. Todo

líquido, nos últimos dias, adquirira para ele o mesmo amargor, como se estivesse bebendo lama.

Estreitou os olhos enquanto a abertura do programa exibia um círculo branco e, dentro dele, o contorno negro de uma pessoa em fuga. A trilha sonora entoada por palmas e um canto ritualístico era acompanhada pelo chiado da interferência. Sancho usou a mão livre para batucar o quadril no ritmo da música, segurando com a outra o porto seguro feito de cana-de-açúcar. No embalo rítmico, uma confusão aos poucos dominou seus sentidos.

Envolvido em uma súbita escuridão, seu corpo desligou.

Num piscar de olhos, estava de volta à guarita.

Sancho se voltou para a tela e continuou acompanhando a silhueta ainda em fuga. Dos cantos do monitor, um borrão escuro cresceu em ramificações até o círculo branco no meio. A cadência das vozes acelerou, e elas, por sua vez, adotaram um tom mais grave. A silhueta corria, mas nunca chegava a seu destino. Antes que o gargalo retornasse aos lábios curtidos em álcool, Sancho viu algo que o fez frear o movimento. A garganta secou como se ali nenhuma gota jamais tivesse descido.

O vulto havia parado de correr e, embora fosse um contorno negro em sua totalidade, uma silhueta chapada sem olhos nem traços, Sancho soube que ele o encarava de volta.

Sentia cada batida cardíaca pulsar nos ouvidos e abafar qualquer outro som que pudesse macular o momento de crescente terror. Sancho sentiu o álcool evaporando pelos poros, e a sobriedade tomou conta de seu ser. Não teve reação para evitar que a garrafa escorregasse dos dedos. Um baque seco ecoou seguido do som do vidro rolando intacto pelo chão.

Ouviu Erri rosnar. Os limites da tela do aparelho de TV foram tomados por uma interferência esbranquiçada, cujas linhas verticais se irradiaram, cada vez mais amplas, aos poucos transformando o negro em luz, até a silhueta perder seu tom escuro e fundir-se à cortina branca que dominava a imagem.

O interior da guarita foi tomado pelo clarão.

Sancho encontrou o cão com o tronco encurvado, os pelos ralos eriçados, semelhantes aos do seu próprio braço. O rosnado do bicho, ainda que entrecortado por engasgos característicos da velhice, era ameaçador.

— O que deu em você, diacho?

Erri baixou o focinho, mas não desviou os olhos. Sancho constatou que o rosnado não era para ele, mas a algo do outro lado da porta. Algo lá fora.

— Que foi? — Tentou engolir, mas não encontrou saliva. A garganta era uma lixa. — Tem alguém lá?

Mesmo sabendo que nenhuma resposta viria do animal, ele esperou. Era duro admitir o medo em voz alta. Agir como um imbecil trazia uma falsa sensação de conforto.

— Eu não ‘guento mais esse tormento — disse para si mesmo e fez o sinal da cruz.

Com as sobras de coragem que encontrou nos bolsos de sua pouca dignidade, aproximou-se da janela e, através da vidraça, examinou o lado de fora. As trevas imperavam. A garoa caía ininterrupta, determinada a seguir até que as nuvens se exaurissem.

Sancho esticou a mão trêmula, acionou o interruptor, e a lâmpada externa banhou uma pequena área com um círculo de luz vermelha. De onde estava, ele nada via além da comprovação de sua solidão.

O incômodo causado pelo rosnado do cão não cessou quando o animal se calou: pesou ainda mais nos seus ombros, além do calafrio que alisou a espinha, e o silêncio durou pouco.

De início, Sancho imaginou que o novo som era provocado pela garoa no telhado, mas sabia que a mente só estava buscando explicações racionais para afastá-lo da realidade vivida nos últimos dias. Ele tentara se embriagar para não ver mais uma vez aquilo que o assombrava.

Cada vez mais próximo, o som penetrou seus ouvidos. Parecia vir das paredes aquela melodia entoada por uma voz feita de melaço rançoso, ressoando em cada parte do casebre.

Aos poucos o temor se dissipou. Os músculos finalmente relaxaram. A bebida, por fim, cumpria sua função.

A acolhedora abnegação na qual se encontrava, porém, foi rompida. Primeiro, Sancho sentiu a perna ser puxada. Depois, a umidade no rosto e torso. Num rompante, viu-se livre da síncope e olhou ao redor.

A guarita estava longe, no alto do morro, do outro lado do denso cafezal. E fazia frio. Frio demais. Sancho olhou para baixo e descobriu-se seminu.

Além da enorme barriga exposta, encontrou Erri com os dentes enroscados na barra de sua calça. Segurou-a antes que ele a arrancasse, o cinto frouxo recém-desafivelado. Olhou por sobre o ombro e viu-se em uma trilha estreita que se embrenhava no cafezal, os pés enterrados na lama. Os cafeeiros balançavam contra o negrume que vinha da plantação. Demorou algum tempo para que entendesse por que estava ali; quando se deu conta, o medo revelou que jamais havia ido embora.

Um alerta ecoou em sua cabeça.

Não estava mais sozinho.

Quando se preparava para desafundar os pés e voltar à proteção da guarita, um facho de luz desceu de um poste de madeira poucos metros à frente. Sancho perdera um pouco da desorientação causada pela embriaguez, mas não o bastante para enxergar com clareza qualquer animal, vegetal ou mineral a mais de dois metros. Contudo, o luzeiro adiante era bastante nítido, um holofote prestes a apresentar a cena mais pavorosa de um teatro dos horrores. A respiração falhou quando ele intuiu a chegada do antagonista.

O estômago gelou quando o enxergou, arrastando-se na lama. Sancho não distinguiu detalhes, mas sabia com precisão qual era sua aparência. Não era seu primeiro encontro.

Sozinho entendeu como fora burro em acreditar que a cachaça anularia a fatídica visita. No terceiro dia consecutivo das estranhas visões, temeu não estar batendo bem da cabeça, mas bastou seus olhos encontrarem o olhar de quem o assombrava em um dos malditos sonhos para entender: não era loucura. Compreendeu também que estar na guarita, no cafezal, naquela noite, havia sido um erro fatal.

A lâmpada do poste falhou, mas voltou a iluminar. Quando Sancho tornou a olhar, não havia nada ali. Procurou ao redor, os pés afundando mais na lama, e, então, a eletricidade acabou, trazendo a mais pura negridão. Percebeu que havia desaprendido a respirar quando o som de um farfalhar sobre lama e folhas roçou seus ouvidos.

Aproximava-se.

E vinha rápido.

Assim que Sancho girou para o lado contrário e desatou a correr, Erri já estava a meio caminho da guarita, obedecendo a seu instinto

de sobrevivência. Latia de forma acovardada para, mesmo fugindo, não abandonar a valentia canina do revide. Sancho descartou qualquer pretensão de coragem, pois carregava no peito somente o terror do desconhecido. Não por ignorar quem o perseguia — conhecia muito bem sua identidade —, mas pelo próprio porvir.

O casebre parecia estar mais longe a cada passo. A porta escancarada era a promessa de abrigo, sua salvação. O percurso, no entanto, cuja lama retardava seus passos, era difícil. As botas atolavam, engolidas por algum artifício sobrenatural que pudesse estar de complô com seu algoz. Zombavam de sua vontade de viver. O riso vinha com o vento e fazia cócegas no cangote.

Tão logo Sancho alcançou a parte iluminada, a poucos passos de atravessar a soleira, espiou por sobre o ombro. Não havia sinal de homem ou bicho. No alto, a lâmpada tremeluziu. Decidido a não passar nem mais um minuto sozinho, ele fechou a porta e deixou pegadas de barro em sua corrida até o rádio.

— Pascoal que dê um jeito de vir pra cá — disse num resmungo, a voz oscilando. — Essa merda toda é culpa dele.

Na tarefa de desenrolar o fio do comunicador, as mãos trêmulas encontraram uma missão impossível. Cego pela própria burrice, ele puxou o fio num impulso precipitado, atrasando a empreitada ao levar o rádio ao chão.

Teria quebrado a porcaria?

Abaixou-se e o apanhou, mas pousou-o novamente no chão antes mesmo de testá-lo, certo de que o danificara. Cobriu o rosto com as mãos.

Pressentiu que não estava mais sozinho quando um sopro quente o atingiu na nuca. Quem quer que estivesse ali, logo atrás dele, esperava pacientemente que Sancho se virasse. E foi o que ele fez.

Sobre a cama, um detalhe o fisgou dos próprios devaneios.

Despontando no lençol, uma mancha do tamanho de um punho fechado se destacou. Era uma poça escura, empapada. Sancho forçou a vista para distinguir o borrão.

Parecia crescer.

Torceu para que fosse um truque da sua mente alcoolizada, mas teve a impressão também de uma pressão invisível no colchão.

Sobre sua cabeça, a última lâmpada ainda acesa vacilou.

— Não...

A cortina encerrou a peça com a treva mais negra e a certeza de que não haveria aplausos. A escuridão vencera.

Cego, Sancho procurou um norte. Coisas deslizavam sobre a pele. Poderiam ser dedos, cabelo molhado, sussurros. Ele girou o corpo, as mãos em busca de apoio, temendo tocar com a ponta dos dedos a indesejada companhia.

De frente para a janela, Sancho encontrou seu reflexo. Pendurado no pescoço, o cordão de bronze com um medalhão oval reluziu. Aberta, a joia exibia as fotografias de sua esposa e de seu filho, perdidos há cinco anos para um acidente na estrada.

Mas o colar desaparecera uma semana antes.

Ao observar melhor, ele notou algo diferente.

No reflexo, a parte do rosto inchado que não estava coberta pela cabeleira volumosa e encharcada, que não lhe pertencia e destoava de sua própria calvície, tinha um tom desbotado, sem vida. Sob a pele, tecido podre. Os lábios eram escuros, esponjosos. A mente assustada pregava mais uma peça.

Quando os cantos da boca de seu reflexo curvaram-se para cima, Sancho se deu conta de que não era um reflexo. No sobressalto, ouviu os próprios pés deslizarem, mas não conseguiu evitar a queda.

Sem forças para levantar-se, ouviu o ranger da porta, que se abria. Embaçados, seus olhos detectaram algo surgindo na altura da maçaneta, que logo sumiu junto com a escuridão. Dedos?

Antes que a imagem fizesse sentido em sua cabeça, a porta se abriu completamente, dando passagem a uma forte lufada de garoa e vento.

Sancho se arrastou apressadamente até sentir as costas se chocarem contra a cama. Através da porta escancarada, divisou o contorno dos cafeeiros sacudidos pelo vento. Ao mesmo tempo, sentiu que a presença anterior retornara com seu ruído molhado e achava-se bem atrás dele, sobre a cama. Ele soube que, não importava onde sua atenção estivesse, seu destino já havia sido escrito. Não podia mais voltar no tempo e corrigir os pecados; então, restava apenas aceitar a sorte que lhe era reservada.

Sancho girou o pescoço.

Sua mandíbula perdeu a capacidade de permanecer fechada, assim como o esfíncter, e queixo e fezes desceram. Seus olhos finalmente foram brindados pela completude do horror que o acossava, e ali, sujo e indefeso, subjugado ao desejo de alguém que buscaria em sua dor a vingança tão cobiçada, emitiu seu último grito.